

CALEIDOSCÓPIO DA VERDADE: REFLEXÕES E CRÍTICAS

(2009)

Samuel Lincoln Bezerra Lins

Mestrando em Psicologia Social na Universidade Federal da Paraíba – UFPB (Brasil)

Email:

samuel.bezerra.lins@gmail.com

RESUMO

Este texto pretende refletir sobre a importância da interpretação da verdade, ressaltando a forma que se trilha para encontrar a verdade e como deve ser priorizado. Isto é observado tanto numa discussão histórica do heliocentrismo, como na origem da ciência psicológica e também numa análise sociológica da saúde mental.

Palavras-chave: Verdade, interpretação, crítica

De onde vem a Verdade? O termo “verdade” vem do latim *veritate*, declinação de *veritas*. Mas aqui não pretendemos saber sua etimologia, propriamente dita, mas refletir o quanto ela está atrelada à nossa vida. “Esta palavra aparece em momentos dramáticos da vida humana, quando é essencial descobri-la – caso dos processos judiciais, das pesquisas científicas, dos conflitos amorosos” (Silva, 2002, p.459)

De fato podemos questionar o termo verdade de várias formas, como: o que é? É absoluta ou relativa? Como produzi-la? Ou não posso produzir, pois ela simplesmente existe? Como observá-la em vários lugares: nas ciências, Psicologia, História, Sociologia; no cotidiano, família, escola, política; e interpretá-la de diversas maneiras.

Para Arruda (2005) representar é mais que uma capacidade humana, é uma necessidade, pois o ser humano retira do seu imaginário seus conceitos, suas idéias e anseios e os trazem para sua realidade. Desse modo, se busca obter a verdade, ou pelo menos a representação desta, para alcançar uma segurança, para se ter algo que possa ser visível, aos olhos ou a sua própria *psique*, e assim estabelecer referenciais de sustento à vida humana.

Certa vez perguntaram a Gandhi o que era a verdade, ele respondeu afirmando que a verdade era como um diamante, que pode ser lançado na cara de uma pessoa, ou colocar num bonito embrulho para presentear a alguém, o seu valor continua o mesmo, mas a forma como ele foi recebido vai fazer a diferença. Percebemos que a verdade vai depender tanto da interpretação de quem a recebe como da intenção de quem a fornece e a “detém” em seu saber.

Um cientista busca representar suas idéias e concepções pretendendo conhecer o seu objeto de estudo: a verdade se torna o alvo a ser alcançado, mas, muitas vezes nessa busca, o cientista encontra outros interesses no caminho, e a verdade, que deveria ser “buscada”, aparece com algumas incertezas. Desse modo, o procurar deve ser mais valorizado do que propriamente encontrar “A verdade”.

Esta forma de compreensão nos remete a Victor Frankl (1992) quando afirma em sua terapia do sentido da vida (Logoterapia) que, mais importante que a felicidade (o objeto desejado) é o motivo para ser feliz, ou seja, é a busca dessa felicidade e os meios que estão sendo utilizados para encontrá-la que prevalece. Sendo assim, quando o indivíduo encontra esse motivo, este fará com o que a pessoa realmente encontre um sentido para sua vida, e supere as maiores adversidades que apareçam em seu caminho, em pro desse motivo. Então, adaptaremos essa interpretação para a ciência, sendo que, em vez da Felicidade, substituiremos pela Verdade.

A verdade não pode ser mudada, ela simplesmente existe, se houver alguma mudança em sua concepção, o que mudou não terá sido a verdade, e sim a forma que foi utilizada para encontrá-la.

Foucault (1975,p.75) postula que:

Nem tudo é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que no entanto está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada. A nós cabe achar a boa perspectiva, o ângulo correto, e os instrumentos necessários, pois de qualquer maneira ela está presente aqui e em todo lugar.

1.1 A VERDADE DO HELIOCENTRISMO

Passaremos agora a ressaltar alguns casos de interpretação necessárias ao nosso estudo, como o relato bíblico de que Josué orou a Deus para que o sol parasse, e Deus, respondendo a sua oração, parou o sol, então por muito tempo, esse fato foi um forte argumento para se acreditar que o sol girava ao redor da terra, visto que, ele que parou. Quando Galileu falou que a terra girava o redor do sol foi condenado à fogueira, mas não foi a partir da descoberta de Galileu que os astros resolveram alternar os papéis, desde sempre, a terra que se movia, e não o sol, o

que mudou foi a forma, o ângulo, o personagem Bíblico interpretou pela sua visão na superfície terrestre, já Galileu de seus aparelhos astronômicos.

1.2. A VERDADE DA ORIGEM DA PSICOLOGIA

Outro exemplo de que a interpretação dos fatos interfere nos resultados, e, portanto, na verdade que se pretende encontrar, é na própria discussão da origem da Psicologia. Já se postulou quase como um mandamento inquestionável que a Psicologia se tornou uma ciência independente, deixando a Filosofia de lado, com Wundt na Alemanha, mas poucos sabem que, nunca foi intenção de Wundt abandonar a ciência mãe da Psicologia. “Portanto, não passa de um equívoco, cometido por historiadores solidários com a historiografia tradicional da psicologia, divulgar que, pelo labor de Wundt, a psicologia divorciou-se da filosofia em Leipzig no ano de 1879” (Abib, 1998, p.79).

A Psicologia assumiria um caráter mais independente da Filosofia após algumas décadas, de um lado do globo, nos Estados Unidos, com a explosão das escolarização, se fez necessário a participação e atuação de psicólogos na educação, e do outro lado no planeta, na Alemanha, a psicologia atuou na seleção de soldados para guerra e servindo para legitimar a ideologia nazista da purificação das raças justificando a perseguição aos judeus.(Abib citando Geuter, 1998),

Mas o que estava por trás dessa desvinculação da Filosofia? Por trás dessas “atuações” dos psicólogos, agora como “independentes”, estava a busca pelo *controle social*, questionamentos como: qual a melhor maneira de educar melhor e mais rápido? Quem é mais inteligente? Como desenvolver o intelecto de uma forma adequada? Quais os homens mais resistentes? Qual a raça verdadeiramente pura?

A busca das respostas para estas questões contribuía tanto para o Poder ao qual a ciência estava submetida, mas também buscava encontrar uma verdade que tornasse possível manipular, ou seja, controlar os resultados e classifica-los. Logo seria possível afirmar, este não é capaz, aquele é apto, aquele outro inapto, não adianta perder tempo com este aluno por que ele não vai desenvolver, mas já aquele é superdotado, este soldado é fraco, aquele é muito resistente, e assim por diante.

Por exemplo, quando pedimos para um psicólogo analisar um estudo de caso, ele geralmente vai ressaltar aspectos que ele sabe explicar e justificar, isso é natural e comum, e dificilmente você encontrará um profissional que venha admitir: – “*não sei o que falar desse caso*”. No mais provável, se encontra o problema que se pode resolver e que esteja sobre controle, enfim, o que confere certo “poder” sobre ele.

Foucault (1975) explicita a polêmica que foi causada quando Pasteur afirmou que o médico era quem transmitia várias doenças, e como forma de evitar essa transmissão deveria esterilizar

os instrumentos cirúrgicos. Essa “revelação” por um lado trouxe salvação aos doentes, mas por outro abalou o poderio estabelecido, o poder médico. Antes considerados como salvadores, e agora quem salvava também poderia ser considerado “perigoso. E os médicos não gostaram dessa idéia, pois os tornaram instáveis, o controle, da doença, não estava mais *em suas mãos*.

É a eterna busca do ser humano de controlar o que lhe rodeia, e a cada dia ele se torna mais controlador de tudo e controlado por todos, mas isso é natural para um ser humano que vive nessa sociedade moderna. Passaremos agora a analisar sobre o perigo de se deter verdade, ou pensar que a detêm.

1.3. A VERDADE DA SAÚDE MENTAL

Quando alguém admite que possui a verdade e que sabe o melhor caminho para alcançá-la, resulta na anulação de outras formas de conhecimento. “É esta forma singular de produção da verdade que pouco a pouco foi recobrando as outras formas de produção da verdade e que, ou pelo menos, impõe sua forma como universal” (Foucault, 1975)

E com isso, esses mestres não admitem outra verdade senão a deles, por exemplo, Denise Barros (2004) realizou uma pesquisa com os Dogon no Estado Africano de Mali, uma comunidade que vive suas tradições há décadas e as transfere de geração para geração. Os Dogon têm um alto índice de bem estar social e poucos são considerados loucos, até aqui tudo bem, mas para muitos pesquisadores “o conhecimento e as terapias negro-africanas são vistos como desprovidos de fundamento científico e sem eficácia real. Aceitá-los significaria um regresso à Idade Média européia”. A visão eurocêntrica não permite enxergar as verdades que outros povos oferecem.

Barros (2004) ainda complementa dizendo que “a religião foi considerada, muitas vezes, como esquizofrenia organizada; a magia como doença da cultura e o especialista da cura negro-africano como epilético, histérico ou doente dos nervos”. Estas concepções se davam por que as crenças e comportamentos dos Dogon não eram científicos – ou por que não dizer, diferentes da cultura ocidental? – mas muito eficiente. algo está perdido dentro dessas afirmações, será que não poderíamos dar um mínimo, ou o máximo, de crédito às teorias e práticas que não são consideradas científicas? Ou simplesmente por um preconceito baseado na busca da verdade (cientificismo), rapidamente os desqualificamos e sequer procuramos reter o que é útil e *verídico* dessas práticas?

Mas, quando um cientista admite tal possibilidade, ele se torna instável, assim acontece com os médicos e suas receitas, os professores e seus métodos, os juízes com suas sentenças, e os psicólogos com seus diagnósticos, não sabem eles que, o fato de assumir que existe uma outra

verdade não o impossibilita de continuar acreditando na sua, entretanto é mais fácil focar em um único caminho, e eliminar todas as possibilidades.

1.4. A VERDADE DO ALIENISTA

Todo esse debate nos remete ao memorável personagem da literatura brasileira, Simão Bacamarte, do conto “O Alienista” de Machado de Assis.

Simão Bacamarte era um médico que mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina, ele afirmava que:

A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente” (...)...pois... (...) suponho o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia. (Assis, 1996, p.47).

Então como todo seu conhecimento, Simão internou várias pessoas de sua cidade, diagnosticando como um *caso digno de estudo*. De um em um, mais da metade da cidade estava internada na Casa Verde, asilo onde ficavam os loucos.

Abib (1998), nos alerta para a importância da *crítica filosófica, política e social*, que está baseada na capacidade de “desmontar a pesquisa tecnológica antes mesmo dela começa”. Nós como profissionais, mas antes disso, como seres pensantes e atuantes, devemos buscar sempre refletir em tudo que estudamos e aprendemos. A verdade é a mesma, o que muda é como a investigamos.

Mas a verdade não se encontra apenas nos debates e infindas discussões, o silêncio pode ser mais audível do que muitas palavras. Prestes a ser crucificado acusado de se dizer Rei e blasfemar em nome de Deus, Pilatos pergunta a Jesus: O que é a Verdade? Jesus silencia. (Evangelho de João 18:37-38)

O interessante é perceber na obra “o alienista” o quanto Simão Bacamarte, depois de ter internado tantas pessoas, refletiu:

Isso é isto. Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mente-capto. Duvidou logo, é certo, e chegou mesmo a concluir que era ilusão mas, sendo homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos a

quem interrogou com franqueza. A opinião foi afirmativa. Nenhum defeito? Nenhum disse em coro a assembléia. Nenhum vício? Nada. Tudo perfeito? Tudo. Não, impossível, bradou o alienista. Digo que não sinto em mim essa superioridade que acabo de ver definir com tanta magnificência. A simpatia é que os faz falar. Estudo-me e nada acho que justifique os excessos da vossa bondade. (Assis, 1996, p.48).

E concluiu: “A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática....Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo à cura de si mesmo.” (Assis, 1996, p.48).

Dentro dessa reflexão podemos ampliar e abranger muitas outras temáticas e situações, que podem ser reavaliadas, como também relativizadas. Mas o nosso texto não tem a intenção de trazer uma exaltação ao relativismo, muito pelo contrário, pretende valorizar a importância em se estabelecer um equilíbrio na busca da verdade.

REFERÊNCIAS

Abib, J. A. D.(1998). Virada social na historiografia da Psicologia e independência institucional da Psicologia. *Revista psicologia teoria e pesquisa*. Brasília –UnB, jan abr, v.14.77-84

Arruda, A. (2005). Durkheim e o imaginário social em: memória, imaginário e representações sociais. Rio de Janeiro: Museu da República.

Assis, M. (1996). *O alienista*. São Paulo: Ática,

A Bíblia Sagrada (1999) Tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. Bairrueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil.

Barros, D. (2004). *Itinerários da loucura em territórios dogon*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Ferreira, A. (1999). *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11 ed. Rio de Janeiro: Editora Abril Cultural.

Foucault, M. (1975). *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Frankl, V. (1991). *Psicoterapia para todos*. Petrópolis : Sinodal.

Silva, D. (2002) . *A vida íntima das palavras, origens e curiosidades da língua portuguesa*. São Paulo: Arx.